

## PERÍODO COLONIAL

Quando a Coroa Portuguesa tomou posse do território brasileiro por aquisição originária, isto é, por direito de conquista, todas as terras “descobertas” passaram a ser consideradas como terra virgem sem qualquer senhorio ou cultivo anterior e foram distribuídas em formas sesmarias. Sesmaria era um instituto jurídico português, presente na legislação portuguesa desde 1375 D.C. que normatizava a distribuição de faixas terras destinadas à produção.

Assim que D. Pedro I declarou a Independência do Brasil, ficando livre de Portugal, assinou um decreto que colocou à disposição novas sesmarias, distribuídas a fim de ajudar o progresso do novo reino.

Com o Brasil independente, chegavam da Península Ibérica muitas famílias espanholas e portuguesas, para habitarem no novo reino, e assim muitas levas de imigrantes eram transportados em navios oficiais para o novo reino com toda a tutela e garantia possível. Favorecido com o decreto das sesmarias assinado por D. Pedro I, o denominado José Lopes Figueira, capitão-mor de São Luiz do Paraitinga, natural de Cunha-SP, juntamente com sua família receberam as terras entre Paraibuna e São Luiz do Paraitinga para serem exploradas racionalmente.

Deslocou-se primeiramente para a Vila do Bairro Alto, naquela época um pequeno vilarejo, banhado pelo Rio Paraibuna que era canoável. Com a sesmaria, José Lopes era autorizado a estabelecer-se onde julgasse de seu interesse.

Descendo rio abaixo, depois de transpor os maiores empecilhos por entre a mata desconhecida, José Lopes com sua comitiva composta de parentes, filhos e filhas e alguns escravos, escolheu o Bairro das Perobas, para construir sua fazenda. Atualmente esse lugar pertence aos herdeiros de Humberto Jacinto.

Os filhos de José Lopes se deslocaram aos arredores da fazenda onde construíram suas casas. José Lopes deu a seu filho Ponciano, o mais velho entre dos irmãos, as terras acima do Bairro das Perobas, hoje o atual Bairro do Paraitinga até às divisas da atual fazenda da Ponte Alta e Retiro, pertencentes atualmente à família do Coronel Zezé da Palma, no lado direito do Rio Paraitinga.

### ORIGEM DA FAMÍLIA LOPES FIGUEIRA

A cidade do Porto em Portugal e a antiga freguesia de Figueira da Foz do Rio Mondego, bispado de Coimbra foram palcos do nascimento das bisavós do coronel José Lopes Figueira de Toledo, fundador de Natividade da Serra.

Felipe Lopes nasceu na cidade do Porto em Portugal, foi casado com Ana Nunes, nascida em Figueira da Foz onde viviam. Não se sabe quantos filhos tiveram o casal, porém sabe-se que um dos filhos, Manoel Lopes Figueira, nascido em Figueira da Foz, veio no Brasil por volta do ano de 1700, dentro do contingente de colonos portugueses atraídos pela descoberta de ouro nas Minas Gerais no Brasil colônia.

No final do século XVII, a cidade portuária de Figueira da Foz, teve um papel relevante no comércio marítimo português, sobretudo com o aparecimento dos estaleiros de construção naval e com o desenvolvimento do comércio internacional e das atividades pesqueiras, como a pesca do bacalhau. Do “porto de Buarcos”, como aparece mencionado em documentos históricos, saíram muitas embarcações de colonos portugueses em direção ao Brasil.

Hoje, a cidade de Figueira da Foz, localizada no Distrito de Coimbra, região Central de Portugal, situada na desembocadura do rio Mondego com o Oceano Atlântico, é a segunda maior cidade do distrito, com cerca de 60.000 habitantes, é considerada a "Rainha da Costa de Prata" devido suas praias extensas.

### A CHEGADA DE MANUEL LOPES FIGUEIRA AO BRASIL (GUARATINGUETÁ, SP)

A partir do final do século XVII, a imigração portuguesa no Brasil alcança cifras jamais vistas. Os fatores para esse crescimento migratório foram: a descoberta de ouro nas Minas Gerais, e o aprimoramento dos meios de transporte aquáticos. No início do século XVIII, as minas de ouro tornaram-se a principal economia da colônia. O desenvolvimento e riqueza trazida pelo ouro atraiu para o Brasil um grande número de imigrantes portugueses.

Com a notícia do descobrimento de ouro no "sertão", Manoel Lopes Figueira chegou à Vila de Guaratinguetá, principal centro de abastecimento para os sertões mineiros e uma das principais vilas da Capitania no Vale do Paraíba.

Ali ele casou-se com Joana da Silva com quem teve 12 filhos e se tornou juiz ordinário no ano de 1737.

Mais tarde, Manoel Lopes Figueira juntamente com sua família deixou a vila de Guaratinguetá e se transferiram para a freguesia do Falcão, hoje cidade de Cunha. Na época a freguesia era uma importante rota de transporte do recém-descoberto ouro brasileiro que vinha das Minas Gerais até o porto de Paraty, em direção à Portugal. O local atraía muitos bandidos e saqueadores, e devido à necessidade de criar um posto de fiscalização, o denominado capitão Manoel Lopes Figueira foi para a freguesia fiscalizar os lucros portugueses obtidos na mineração. Manoel Lopes Figueira morreu no ano de 1772 e sua esposa Joana da Silva em 1761.

## CAPITÃO ANTÔNIO FIGUEIRA (CUNHA-SP)

Dentre os filhos do capitão Manoel Lopes Figueira, destacamos o capitão Antônio Figueira nascido em Guaratinguetá por volta do ano de 1721. Foi o pai do coronel José Lopes Figueira de Toledo. Pessoa séria e respeitada, capitão Antônio Figueira participava das ordenanças da freguesia do Falcão. Casou-se em 1762 com Bárbara Maria de Viveiros, uma moça de 18 anos, natural de Pouso Alto (MG) com quem teve 10 filhos. Posteriormente ficando viúvo, Antônio Figueira casou-se pela 2ª vez com Margarida Maria da Palma. Deste segundo matrimônio nasceram dois filhos.

## CAPITÃO JOSÉ LOPES FIGUEIRA (SÃO LUÍS DO PARAITINGA)

Filho de Antônio Figueira e Bárbara Maria Viveiros, nasceu em Cunha em 1778. Nesta vila foi miliciano do Regimento do Coronel Macedo, onde ocupava o cargo de cabo em 1798. Posteriormente fixou residência em São Luís do Paraitinga onde foi capitão-mor por muitos anos. Casou-se em 1802 com Ana Joaquina da Conceição Toledo, ficando conhecido assim como José Lopes Figueira de Toledo. Ela era filha do sargento-mor Manoel Antônio de Carvalho (fundador de São Luís do Paraitinga) e Inês de Toledo Cortez.

## CAPITÃO JOSÉ LOPES FIGUEIRA DE TOLEDO (NATIVIDADE DA SERRA- SP)

Favorecido com o decreto das sesmarias assinado por D. Pedro I, José Lopes Figueira de Toledo juntamente com sua família receberam terras entre Paraibuna e São Luís do Paraitinga para serem exploradas. Deslocou-se primeiramente para a Vila do Bairro Alto, naquela época um pequeno vilarejo, banhado pelo Rio Paraibuna que era canoável. Com a sesmaria, José Lopes foi autorizado a estabelecer-se onde julgasse de seu interesse. Descendo rio abaixo, depois de transpor os maiores empecilhos por entre a mata desconhecida, José Lopes com sua comitiva composta de parentes, filhos e filhas e alguns escravos, escolheu o Bairro do Porto, para construir sua fazenda. De seu matrimônio com Ana Joaquina da Conceição Toledo, deixou uma grande descendência:

- \*Ponciano Lopes Figueira de Toledo,
- \*Manoela Policiana de Toledo
- \*Manoel Eufrásio de Toledo,
- \*João Baptista Figueira de Toledo,
- \*Higino Lopes Figueira de Toledo,
- \*Generoso Lopes Figueira de Castro Toledo,
- \*Victoriano Lopes Figueira de Toledo
- \*Faustino José de Toledo,
- \*Antônio Lopes Figueira de Toledo,
- \*Agostinho Corrêa de Toledo e
- \* Maria Angelina de Toledo.

## CAPITÃO ANTONIO LOPES FIGUEIRA DE TOLEDO

Deu continuidade às bem feitorias do coronel José Lopes Figueira de Toledo, seu filho, capitão Antonio Lopes Figueira de Toledo, nascido em São Luís do Paraitinga em 1813, casou-se com sua prima Ana Emília Leite de Abreu. O casal residiu em São Luís do Paraitinga e mais tarde, em 1857 se transferiram para Natividade da Serra onde foram proprietários da fazenda Boa Esperança com escravaria, gado equino e muar. Cultivavam também milho e algodão. Possuíam uma casa no pátio da Igreja Matriz de Natividade da Serra e possuíam terras no Bairro Alto. Ana Emília morreu no dia 16/06/1866 e Antônio dois dias depois 18/06/1866. Deste casamento nasceram sete filhos e formou se a família Lopes de Abreu.

## DESCENDENTES DE ANTONIO LOPES FIGUEIRA DE TOLEDO

Fernando Lopes Leite de Abreu nasceu por volta de 1840. Casou-se com Olímpia Lopes (Nhazinha) filha de Victoriano Lopes Figueira de Toledo, irmão de Antônio Lopes Figueira de Toledo. Portanto casou-se com sua prima. Francisca Carolina Leite d'Abreu Toledo nasceu em 1843. Casou-se com Antônio Pires. Felicidade Leite de Abreu Toledo, nasceu em 1845 em Natividade da Serra. Casou-se em 1870 com o tenente-coronel José Ortiz da Rocha Júnior. José Lopes Leite d'Abreu nasceu em 1847 em Natividade da Serra. Morou em Redenção e no dia 10/02/1888 assinou junto com sua irmã Maria Augusta a Declaração de Ponte Alta que libertava os escravos e trocava o nome de Paiolinho para Redenção. Adolfo Lopes Leite de Abreu nasceu em 1850. Morou em São Luiz do Paraitinga e Natividade. Casou-se duas vezes. Leopoldina Cândida de Abreu Toledo, nascida em 1853. Casou em 1870 com João Pereira de Campos.

Maria Augusta Lopes de Abreu nasceu em 1856 em Natividade. Casou em 1873 com o capitão Inácio de Almeida Cabral, fazendeiro no Paiolinho. Quando viúva deste casamento foi signatária da Declaração de Ponte Alta. Casou-se pela segunda vez com o capitão Antônio Marcondes de Quadros. Teve sete filhos no primeiro casamento e oito no segundo.

## **OS FUNDADORES DA NOVA NATIVIDADE DA SERRA:**

### **"O GRANDE LÍDER"**

Cônego Higino Corrêa da Conceição Aparecido, "Padre Gino" como era chamado carinhosamente pelas pessoas, foi nomeado pároco de Natividade da Serra e vigário ecônomo do Bairro Alto em 27 de julho de 1924. Foi um grande líder para o povo nativense, onde por mais de 50 anos e acompanhando três gerações esteve sempre pronto a atender às necessidades de seus paroquianos. Padre Higino saía a qualquer hora, com qualquer tempo, chuva ou sol, frio ou calor, para atender as confissões dos doentes das roças, a pé ou a cavalo, lembrando a todos que nos seus primeiros tempos não havia automóveis por aqui e muito menos estradas carroçáveis.

Foi um dos primeiros a receber a confirmação da futura inundação de Natividade da Serra feita pelo diretor das Centrais Elétricas de São Paulo (CESP), o engenheiro e ex-governador de São Paulo, Dr. Lucas Nogueira Garcez em 1970. Padre Higino assistiu a extinção da velha Natividade ameaçada e condenada a desaparecer do mapa e nos momentos de angústia e incertezas, não desanimou. Colocou esperanças no povo, com seu modo de pensar e agir, contagiando os nativenses e impedindo que muitos fossem embora para outras cidades. Ele juntamente com o prefeito Octacílio, lutaram para a reconstrução da nova cidade.

Ao receber a pequena indenização da velha igreja matriz, contratou engenheiros para que fosse feito o projeto e a planta da nova igreja matriz. Fez a implantação do Cruzeiro que seria o marco inicial da nova Natividade da Serra, construiu também a casa paroquial e um salão que serviu para fazer as celebrações até que a matriz ficasse pronta. Com seu carisma, sua humildade e seu jeito simples de ser, viveu por 76 anos contagiando a todos que o conheceram.

### **"O GRANDE IDEALIZADOR"**

Octacílio Fernandes da Silva era morador do bairro do Pachi. Foi agricultor, homem simples e trabalhador, de pouca cultura, mas de uma inigualável determinação. Foi vereador (1955 a 1963) e prefeito de Natividade da Serra por duas vezes, fundando a nova Natividade na sua segunda gestão (1972 a 1976). Esse homem marcou a história de Natividade da Serra quando no dia 13 de Agosto de 1973, juntamente com padre Higino, pároco da cidade, lideranças políticas e toda comunidade, lançaram a "Pedra Fundamental" da nova cidade. Deram continuidade ao seu trabalho, seus sucessores: Benedito Dionísio, Luiz Walter Fernandes da Silva (filho de Octacílio), Miron Danvers Fernandes, João Batista de Carvalho e atualmente Benedito Carlos de Campos Silva.

## **A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CIDADE... SONHO OU REALIDADE?**

Nessa época, em cada nativense reinava a tristeza e a insegurança do fracasso. Mas com a determinação do prefeito Octacílio e com o apoio do pároco Cônego Higino, foram lançados os primeiros alicerces fundamentais para o ressurgimento da nova cidade de Natividade da Serra. O decreto de lei nº 04 de 30 de maio de 1972, autorizou a desapropriação de um terreno necessário à construção do cemitério, no bairro do Porto. Depois com o decreto de lei 15/73, autorizava realizar estudos e conseqüentemente a implantação da nova Natividade, pretendendo fixar nela o maior número de pessoas residentes na antiga cidade e no mesmo ano um outro decreto de lei 20/73, deu ao prefeito autorização para construir as primeiras trinta casas populares para as pessoas reconhecidamente pobres, fatores esses que impulsionaram e confirmaram o ressurgimento da nova cidade.

Não obstante tanta dificuldade, eis que na noite de 15 de Janeiro de 1974, uma violenta tromba d'água, arrasou completamente a antiga cidade, e o prefeito Octacílio declara às autoridades governamentais e ao povo nativense "Estado de Calamidade Pública," sendo-lhe concedido um crédito extraordinário de Cz\$ 10.000,00 (Dez mil cruzeiros) para que fosse agilizadas as providências para o transferimento da população. Escolhido o local onde se ergueria a nova cidade, o prefeito Octacílio enviou seus operários para que iniciassem a construção da nova cidade. Todo o trabalho de transferência era desenvolvido em ritmo lento e duvidoso.

Com um árduo trabalho, desprovido de recursos, a nova cidade ressurgia sob o comando do prefeito Octacílio, que teve de valer-se de sua própria experiência, de homem feito às grandes emoções, pois nesta conjuntura, toda decisão haveria de partir de um peito absoluto e empreendedor. Octacílio encarou tudo com otimismo, atirando-se à obra, assumindo toda a responsabilidade de reconstruir uma nova cidade para abrigar seu povo. Depois da violenta tromba d'água que arrasou completamente a antiga cidade, deu-se início a distribuição de lotes de terra nas proximidades do terreno onde começou a ser construído o cemitério. Com a construção das primeiras casas populares, formou-se uma pequena vila no local chamado inicialmente de "Quebra-Galho", atualmente vila São Benedito. As pessoas favorecidas com os lotes eram comprometidas a construir suas casas num prazo de três meses e as mais necessitadas contavam com a ajuda da prefeitura.

O nome "Quebra-Galho" foi devido ao fato do prefeito Octacílio ceder provisoriamente lotes de terra para as pessoas construírem suas casas, o qual dizia: "Construa nesse lote uma casa simples, pra quebrar o galho, ou seja, uma casa provisória, que atenda as necessidades básicas". Surgia então ali, uma pequena vila a qual foi dividida em quatro ruas, sendo a primeira chamada de "Rua Um", atual Rua Benedito Moreira Barbosa, "Rua Dois", hoje Rua Benedito Pinto dos Santos, "Rua Três", denominada Rua João Benedito Pires Filho e "Rua Quatro", denominada Rua Padre Lauro Moradei.

Em julho de 1974 não estava ainda oficializada pelas autoridades governamentais a mudança da sede do novo município devido a tanta apreensão. Discute-se que teria sido o dia 15 de Janeiro de 1974 a data inicial da nova cidade, não obstante a data ficar sendo o dia 13 de agosto de 1973, dia em que foi lançada a pedra fundamental, simbolizando o renascimento de Natividade da Serra. Por essa razão, Natividade da Serra tem três datas:

- 13 de Agosto de 1973: Aniversário da cidade.

- 9 de Setembro de 1973: Epílogo e despedida da velha Natividade com a Festa da Padroeira. Nesta data aconteceu à implantação do cruzeiro no mirante feito com um ato religioso na presença do Bispo Diocesano de Taubaté, Dom Francisco Borja do Amaral.

- 15 de Janeiro 1974: Data em que a velha Natividade realmente desaparece com a tromba d'água. Além da data de fundação do município dia 29 de maio de 1853.

### CRONOLOGIA

**1853:** 29 de maio, fundação de Natividade da Serra.

**1858:** 24 de abril, elevada à categoria de Freguesia pela Lei nº 33, com a denominação de Nossa Senhora do Rio do Peixe.

**1863:** 18 de abril, elevada à categoria de Vila e incorporado o Distrito de Bairro Alto pela Lei nº 15, com a denominação de Natividade, pertencendo à Comarca de Jacareí.

**1864:** 02 de março, instalação do município.

**1866:** 20 de abril continuou pertencendo à Comarca de Paraibuna pela Lei n.º 061.

**1895:** 26 de agosto passou pertencer à Comarca de São Luiz do Paraitinga pela Lei n.º 350.

**1914:** 18 de dezembro voltou a pertencer a antiga Comarca de Jacareí na qual foi revogada pela Lei n.º 1437.

**1934:** 03 de julho, reduzida à condição de Distrito de Paz pelo decreto nº 6.530.

**1935:** 05 de julho, Natividade voltou a anexar-se ao Município e Comarca de Paraibuna um ano após ser reduzida à condição de Distrito, passou a pertencer à Comarca de Taubaté, pelo decreto nº 7.353, mas voltando a pertencer a Comarca de Paraibuna.

**1935:** 06 de agosto, reinstalação do Município criado como a freguesia de Nossa Senhora do Rio do Peixe.

**1944:** 30 de novembro recebeu o nome definitivo de Natividade da Serra pelo decreto - Lei nº 14.334.

**1973:** 13 de agosto, fundação da nova cidade de Natividade da Serra.

**1974:** 15 de janeiro data em que a velha Natividade realmente desaparece com a tromba d'água.

### ATO CÍVICO DA FUNDAÇÃO DA NOVA NATIVIDADE

Com construção da barragem de Paraibuna, ocorreu a desaparecimento da velha cidade, hoje recordada saudosamente como "Vila Velha", surgindo assim a nova cidade de Natividade da Serra.

Na manhã do dia 13 de agosto de 1973, encontravam-se presentes no local escolhido para a nova sede do município e nova cidade de Natividade da Serra, o prefeito Octacílio Fernandes da Silva, o pároco Cônego Higino Correa da Conceição Aparecida, professor Joaquim, sargento Pedro Irineu de Faria, comandante do Destacamento Policia Militar, a fanfarras o grupo escolar Figueira de Toledo, os moradores ilustres: Benedito Dionísio, Terezinha de Castro Aquino, Antonio Fernandes de Castro, Antonio Alves e trabalhadores que aguardavam o lançamento da pedra fundamental do novo prédio da Prefeitura e Câmara Municipal.

O pároco Cônego Higino deu início à cerimônia com uma bênção litúrgica, seguido do prefeito Octacílio Fernandes da Silva, que lançou a pedra fundamental, simbolizando o renascimento de Natividade da Serra. Fez uso da palavra o

professor Joaquim, enaltecendo o ato histórico para o povo nativense acompanhado de uma queima de fogos realizada por Terezinha de Castro Aquino. A fanfara do grupo escolar Figueira de Toledo prestou sua homenagem também com o rufar de seus tambores.

Nascia assim a nova Natividade da Serra. As obras de assentamento dos primeiros tijolos da estrutura do prédio destinado à sede dos poderes Legislativo e Executivo foram destinadas ao projetista e construtor Benedito Dionísio, que com sua equipe iniciou também a construção da nova cidade.

Na tarde desse mesmo dia em que os moradores nativenses viveram um momento de esperança com o renascimento de Natividade da Serra, regressaram à velha cidade, já em ruínas, para recomençar o trabalho de deslocamento, onde o angustioso êxodo forçava a despedida da velha cidade, cheia de histórias e tradições que por mais de um século abrigou gerações.

No dia 09 de setembro de 1973 foi trazido em romaria, um cruzeiro que foi colocado no local mais alto do lugar aonde viria a ser a cidade. Também compareceram figuras ilustres como o Padre Higinio e o Prefeito Octacílio, havendo uma grande festa.

## **HISTÓRICO DA PARÓQUIA DE NATIVIDADE DA SERRA**

A Paróquia de Nossa Senhora da Natividade foi criada pela Lei Provincial nº 33, artigo 11, aos 24 dias do mês de abril de 1863. Dois anos depois, a 15 de março de 1865, o Exmo. Senhor Bispo Diocesano determinou as divisas eclesiásticas do município, solicitando à Câmara levar o fato ao conhecimento do Senhor Vigário e que este por sua vez transmitisse aos fiéis durante a missa paroquial. Esse fato de grande importância para Natividade teve início com a elevação do povoado à categoria de Vila, pelo Exmo. Senhor. Dr. João Tobias de Aguiar e Castro, então presidente da província de São Paulo, surgindo dali a ideia de marcar os limites entre Natividade e Paraibuna, o que se fez a cinco de março de 1864.

A Paróquia teve como seu primeiro vigário, a pessoa do Padre José da Veiga, sacerdote zeloso que de Paraibuna vinha periodicamente e fazia os trabalhos pastorais na qualidade de capelão. O seu primeiro vigário provincionado foi o Padre Martins, que esteve à frente da Paróquia desde 1865 até 1892. Padre Vicente se mantinha exclusivamente da lavoura, já que as contribuições eram mínimas, razão porque ordinariamente quem o solicitasse, haveria de procurá-lo em sua chácara, onde o mesmo se mantinha de enxada na mão e de calças arregaçadas até o joelho. Padre Vicente era uma pessoa muito agradável, gostava de conversar e contar histórias, com isso ia cativando a amizade de todos e especialmente das crianças. O Padre, entre o seu trabalho e sua missão sacerdotal, aproveitava a ocasião para instruí-los. Naquele tempo imperava a superstição e o padre tinha de combater o mal e se conselhos não bastassem chegava até a ponto de prometer maldição. Padre Vicente era inflexível, não admitia conluios e sabia separar as duas causas: religião aqui, amizade lá. Se na rua ou na casa era brincalhão, contrariamente, na Igreja sabia também impor respeito e veneração. Padre Vicente José Martins era um português de fibra inquebrantável. Seus restos mortais repousam na Igreja Matriz da nova Natividade da Serra, onde ali os colocou o ex-vigário desta Paróquia, Frei Eduardo Maria da Gama.

## **VIGÁRIOS**

Tradicionalmente católica a Freguesia começou a receber os cuidados religiosos através de um sacerdote que para cá veio como Capelão, o Padre Pedro José da Veiga. Sendo criada a Paróquia pelo artigo 11 da Lei Provincial nº 33, aos 24 de abril de 1863, foram seus vigários:

Pe. Vicente José Martins (1865 a 27 de julho de 1892)

Pe. Giovanni Calixto Gorgerino (de 27/08/1892 a 1905)

Pe. Vicente Monte Belluma (de 19/06/1905 a 1907)

Pe. Felix D'Angelo (de 13/02/1907 a 1911)

Pe. Felix Soares Valdez (de 26/03/1911 a 1913)

Pe. Vicente Auffbray (de 21/02/1913 a 04/02/ 1915)

Pe. Vito Padula (de 14/02/1915 a 10/04/1921)

Pe. Pedro do Valle Monteiro (de 10/04/1921 a 11/07/1924)

Pe. Higinio Corrêa da Conceição Aparecida (de 27/06/1924 a 25/05/1975)

Frei Luiz Gonzaga A. Santos (de 25/05/1975 a 24/01/1978)

Frei Eduardo da Gama (de 24/01/1978 a 25/01/1981)

Pe. João Leopoldo de Almeida (de 25/01/1981 a 03/01/1987)

Pe. Lauro Moradei (de 03/01/1987 a 17/07/1991).

Pe. José Adalberto Vanzella (de 1991 a 1997)

Pe. Cláudio Altair da Silva de Jesus (de 1997 a 31/12/2000)

Pe. João Miguel da Silva (de 10/01/2001 a 14/09/2002)

Pe. João Francisco Bernardo (de 15/09/2002 a 31/06/2005)

Pe. Antonio Claudio Dias Barbosa (de 01/07/2005)

Pe. Joaquim Vicente dos Santos (saída 28/02/2014)

Pe. Alexandre Eduardo da Cruz (01/03/2014) atual

Foram vigários auxiliares ao longo do período de Padre Hygino Corrêa: Frei Domingos, Frei Angélico, Frei Epifânio, Frei Timóteo, Frei Fernando e os Revmos. Padres: Antônio Luiz Cursino Santos, José Benedito de Alvarenga, José Cantinho de Moura, Clair de Castro, Pedro Lopes, Teófilo Crestani.

Padre Hygino chegou a tomar conta de quatro paróquias ao mesmo tempo: Natividade, Bairro Alto, Redenção da Serra, Jambeiro. Padre Hygino foi vigário de 27 de julho de 1924 a 25 de maio de 1975, contando 50 anos e 10 meses.

### **Padres Nativenses**

- 1- Ângelo Ebran
- 2- Luiz Gonzaga dos Santos Filho – OFM Cap.
- 3- Humberto Robson de Carvalho
- 4- Benedito Ortiz
- 5- Alan Rudz Carvalho Rebelo
- 6- Edson Joaquim dos Santos

### Religiosas Nativenses

- 1- Ana Augusta Fernandes
- 2- Feliciano Fernandes de Souza
- 3- Mariana de Oliveira
- 4- Terezinha Tozeto
- 5- Maria Estela Domiciano (Servas de Santa Terezinha)
- 6- Nilza Moraes (Salesiana)
- 7- Aláide Gaia da Silva
- 8- Alice Moreira (Franciscana)
- 9- Maria Aparecida Compertino (Servas de Santa Terezinha)
- 10- Valdete Alves de Paula (Servas de Santa Terezinha)

**Colaborador: Site: [www.natividadedaserrasp.com.br](http://www.natividadedaserrasp.com.br)**